

SALLES, Vicente. Carlos Gomes, o fedelho da Banda do Maneco.
A Província do Pará, Belém, 19 maio 1996.

Carlos Gomes, o fedelho da Banda do Maneco

Vicente Salles

Em 1907, Raphael Duarte, velho músico de Campinas, recordou os tempos da Banda do Maneco, na crônica evocativa **Campinas de outr'ora:**

"... A Banda do Maneco! Quem nol-a déra hoje, para se julgar da brilhante plêiade de artistas daquele tempo... Que destorcida rapaziada, que éram o Maneco Trompa (maim), o Alexandre Trompa, o Chico, dito, o Modesto Vaz de Lima, o Maneco Gomes Júnior (nhô), o padre Sancta Anna (nhô Quim), o Joaquim Pium, a Monteirada toda, o Juca Barão, o Joaquim, o João, o José (nhô Cizo), o Juvenio, o Joaquim Marianno, o velho mestre Azarias de Mello, o João Nepomuceno, o Telles Soares, o Juca Ferrinho, o Luiz Rocha, o Ernesto Pintor, o Martins, o Cantinho, o Ramos Velho, o Juca Ramos, o Joaquim Selloiro, o Tubica, o nosso velho Sant'Anna Gomes e o Carlos Gomes. O Juca e o Tónico, em 1846, eram dois pirralinhos, aquelle de doze annos, este de dez... Quem diria que aquelle fedelho, repenicador de triângulo, viria a ser a gloria de seu paiz?! Era isso a Banda do Maneco: era agarrar uns pequerruchos, tocadores de clarinete e de ferrinho, e dizer: "Aqui estão dois maestros!"

Tafí, com a ortografia da época, o texto e nomes da gente simples que fazia música na velha Campinas e era conhecida pelo nome de guerra, o instrumento que tocava ou curiosos apelidos como era costume. Maneco é Manuel José Gomes, pai de Juca e Tónico. Este era o **fedelho repenicador de triângulo**, futuro grande maestro Antônio Carlos Gomes, nascido na vila real de Campinas, São Paulo, em 11/07/1836, falecido em Belém do Pará em 16/09/1896, centenário que deve ser comemorado condignamente.

O texto, na simplicidade do cronista, além de mostrar apelidos, tem o mérito de demonstrar como qualquer humilde corporação de vilarejos ou cidadezinhas do interior pode despertar vocações e forrar os primeiros passos dos melhores talentos. É pensar em Francisco Braga, em Anacleto de Medeiros, em tantos outros para multiplicar exemplos. É não esquecer a história da vida de Wagner e de Verdi, para não alongar os exemplos das celebridades universais. Pois a Banda do Mane-

co foi a escola responsável por todo o aprendizado musical do gênio campineiro pelo menos até sua ida para o Rio de Janeiro, onde começou a alçar vôos mais altos.

A banda de música ficou portanto no peito de Carlos Gomes como uma de suas mais gratas recordações. Por consequência, foi muitas vezes evocada em momentos da rara inspiração. Diretamente para banda de música compôs o galope "L'Oríolo", data não apurada. Outra citação importante encontra-se na ópera **Salvator Rosa**, 1874, seu maior sucesso nos palcos italianos, na abertura como em cena no palco.

Os diversos hinos que compôs especialmente foram concebidos com a participação de banda de música no acompanhamento. Merece destaque "Saudação do Brasil", título abreviado do "hino para o 1º Centenário da Independência Americana", celebrado em Filadélfia em 4 de julho de 1876, composto por encomenda do imperador Pedro II e oferecido ao povo americano. A partitura é algo majestosa. Diz João Bosco Assis De Luca que ela prevê enorme massa de executantes, vasto conjunto oral, com acompanhamento de orquestra sinfônica reforçada e banda marcial.

Tenho na melhor conta o "Hino triunfal a Camões", grande orquestra e banda, composto em 1880 numa circunstância muito especial. Acabara ele de ser aplaudido em Lisboa pela memorável montagem de **O Guarany**, espetáculo ansiado e recordado por Geraldo Mártires Coelho no ensaio "O gênio da floresta - O Guarany e o Teatro da Ópera de Lisboa" a sair brevemente debaixo do selo Agir, do Rio de Janeiro.

Carlos Gomes achava-se no Brasil, excursionando com a Companhia Passini, a que trabalhara em Lisboa. Compôs o hino triunfal no mesmo ano, logo que chegou, ainda sob as emoções da temporada lisboeta.

A Camões faz parte do conjunto de três composições apresentadas em 10/06/1880 na festa comemorativa do 3º Centenário de Luís Vaz de Camões promovida pelo Real Gabinete Português de Leitura, no Imperial Teatro D. Pedro II, Rio de Janeiro. Foi regida pelo pianista e compositor português Artur

Napoleão. As outras duas: **Marcha Elegiaca**, de Leopoldo Miguez, e **Marcha Heróica**, do próprio Artur Napoleão. As três peças foram editadas em conjunto pela Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1980, com introdução assinada pelo crítico Eurico Nogueira França.

A obra de Carlos Gomes é a mais curta e sem dúvida a mais bela do álbum. E melhor concebida. Começa com a **fanfarra** solo, em sib maior, que expõe o tema grandioso, solene, que o **tutti** orquestral retoma, preparando a entrada de um cantabile de inesperada beleza. A **fanfarra** está presente em vários outros momentos da peça, inclusive na seção final, contribuindo para acentuar o sentido épico e o contraste lírico-dramático.

A primeira gravação brasileira foi realizada em Brasília, 1990, pela banda de música regida pelo maestro Gonzaguinha, LP "Banda de música de ontem e de sempre nº 2", editado pela FENAB. Sérgio Nepomuceno Alvim Corrêa indica disco Victrola, selo português, da banda da Guarda Nacional Republicana de Lisboa, gravação antiga, do tempo do 78 rpm.

Na mesma coleção da FENAB, Brasília, volume 1º, 1983, gravado ainda por banda de música, regência do maestro Gonzaguinha, encontra-se a marcha **Ao Ceará Livre**, composta em 1884 por encomenda dos abolicionistas cearenses para comemorar a redenção de todos os cativos naquela província. É o único registro fonográfico existente.

Outras magníficas citações encontramos no seu catálogo, como a marcha **Progresso**, composta especialmente para a Exposição Regional de Campinas em 1885, mas nada supera o prestígio de **O Guarany** no repertório das bandas de música no Brasil.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE002162